

MINISTÉRIO DA CULTURA, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO,
POR MEIO DA SECRETARIA DA CULTURA, ECONOMIA E INDÚSTRIA CRIATIVAS,
E FUNDAÇÃO OSESP APRESENTAM

Temporada 2025

O

e

S

p

S

26 de outubro

26 DE OUTUBRO

DOMINGO, 18H00

Estação Motiva Cultural

Regiane Martinez SOPRANO

Patrícia Nacle CONTRALTO

Fabio Vianna Peres TENOR E CORDAS DEDILHADAS ANTIGAS

ANÔNIMO

Um cancioneiro musical para Luís de Camões

[Adaptação de Fabio Vianna Peres] [S.D.]

1. MUITO SOU MEU ENEMIGO
2. DESCALÇA VAI PELA NEVE
3. NÃO SEI SE M'ENGANA HELENA
4. PERGUNTAIS-ME QUEM ME MATA
5. MININA DOS OLHOS VERDES
6. VI CHORAR UNS CLAROS OLHOS
7. VÓS SENHORA, TUDO TENDES
8. PASTORA DA SERRA
9. DESCALÇA VAI PARA A FONTE
10. NA FONTE ESTÁ LIANOR

30 MINUTOS

Regiane Martinez SOPRANO

Patrícia Nacle CONTRALTO

Fabio Vianna Peres TENOR

Leandro Dias VIOLINO

Anderson Farinelli VIOLINO

André Rodrigues VIOLA

Marialbi Trisolio VIOLONCELO

JULIANA RIPKE [1988]

Todos os sonhos que se calam [2025]

[ENCOMENDA OSESP | ESTREIA MUNDIAL]

6 MINUTOS

Leandro Dias VIOLINO

Anderson Farinelli VIOLINO

André Rodrigues VIOLA

Marialbi Trisolio VIOLONCELO

FRANZ SCHUBERT [1797-1828]

Quarteto n.º 14 em ré menor –

“A Morte e a Donzela” [1824]

1. ALLEGRO

2. ANDANTE CON MOTO

3. SCHERZO: ALLEGRO MOLTO

4. PRESTO

40 MINUTOS

ANÔNIMO

Um cancioneiro musical para Luís de Camões

[Adaptação de Fabio Vianna Peres] [S.D.]

Para nós, hoje, ler poesia é em geral um ato de introspecção, praticado em momento de intimidade. Mas no século XVI, apreciar poesia não era a experiência silenciosa e solitária que nos é familiar. Até o fim do período renascentista, a leitura se fazia, na maior parte das vezes, em voz alta, em pequenos círculos de amigos ou diante de plateias maiores, em saraus e encontros cortesãos. O texto poético tinha destino sonoro: nascia para ser ouvido, entoado e compartilhado. Muitas vezes, essa entoação assumia a forma de canto. Não se tratava apenas de ornamentar a palavra escrita, mas de restituir-lhe a dimensão ativa, própria da oralidade e da expressão artística, que fazia parte da vida social e cultural da época.

A lírica quinhentista portuguesa inscreve-se nesse contexto. As redondilhas, forma poética de grande tradição ibérica, estavam profundamente ligadas ao canto. O mesmo vale para as formas fixas da cantiga e do vilancete, que eram escritas praticamente como letras para melodias. Na corte, na igreja, nas festas populares ou nas cerimônias fúnebres, a poesia se fazia música, com acompanhamento de instrumentos como a *vihuela*, a viola ou o alaúde.

A obra de Luís de Camões faz parte dessa tradição. Embora o poeta não tenha deixado composições musicais próprias, várias de suas redondilhas se encontram próximas ao repertório dos cancioneiros musicais portugueses, em particular o *Cancioneiro de Paris* e o *Cancioneiro de Elvas*. Esses manuscritos, entre os mais importantes do período, reúnem melodias simples, geralmente escritas a três vozes, concebidas para uso social e cortesão, em contraste com a complexidade da polifonia sacra contemporânea.

Nesses cancioneiros, reconhecemos motes que também aparecem glosados por Camões nas edições de suas obras. Versos célebres pertencem simultaneamente ao universo poético camoniano e ao repertório musical dos cancioneiros, confirmando que sua poesia circulava — e era efetivamente cantada — no espaço sonoro da corte.



Músicos tocam viola de arco e viola de mão (*vihuela*),
século XIII, de autoria desconhecida.

A partir dessas concordâncias e da consciência de que a musicalidade já está inscrita nos versos de Camões, nasceu o presente projeto. Seu objetivo é propor um cancioneiro musical baseado na obra do poeta: selecionar redondilhas que se enquadram nas formas fixas do período, adaptar seus textos a melodias extraídas dos cancioneiros portugueses e, sempre que possível, respeitar a temática das fontes originais. Assim, um vilancete pastoril de Camões pode ser cantado sobre uma melodia igualmente pastoril dos manuscritos; uma sátira ganha voz em uma peça de humor semelhante.

Esse processo recria a experiência musical do século xvi, em que a improvisação tinha papel central. O cortesão ideal era aquele capaz de, munido de sua *vihuela*, cantar versos de improviso sobre um mote proposto, compondo variações e voltas diante do público. Trazer Camões para esse espaço é devolver-lhe não apenas a dimensão sonora, mas também o caráter lúdico, imediato e humano de sua poesia breve.

O cancioneiro musical assim construído nos apresenta um outro Camões, diferente do poeta épico de *Os lusíadas*: mais próximo da intimidade, das intrigas amorosas, do humor cortês, de um amor singelo e humano. São redondilhas que revelam um poeta menos solene, mais acessível, e por isso mesmo mais próximo do ouvinte contemporâneo. Apresentar hoje esse repertório significa também reafirmar a vitalidade da língua portuguesa como patrimônio comum. Ao devolver voz e música a versos escritos há quinhentos anos, são entrelaçadas tradição e atualidade, erudição e vivência artística. Não se trata apenas de reconstrução histórica, mas de experiência estética: ouvir Camões, mais do que lê-lo, como se fazia em seu próprio tempo.

Assim, cinco séculos depois, sua obra renasce em música e continua a cumprir sua vocação original: ser partilhada em voz alta, no canto, na memória viva de uma cultura.

Laura Rónai

FLAUTISTA, É PROFESSORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. COORDENADORA DA ORQUESTRA BARROCA DA UNIRIO.

JULIANA RIPKE

SÃO PAULO, BRASIL, 1988

Todos os sonhos que se calam [2025]

[ENCOMENDA OSESP | ESTREIA MUNDIAL]

A obra que conecta a primeira e a última parte do programa foi escrita sobre fragmentos de três textos da escritora portuguesa Florbela Espanca [1894-1930], fortemente influenciada por Luís de Camões. Os três textos se entrelaçam, formando uma narrativa que conduz ao final do poema de Matthias Claudius [1740-1815], *A Morte e a Donzela* [*Der Tod und das Mädchen*]. É como se, pela narrativa dessa música e pelo entrelace dos textos, Camões dialogasse com Schubert por meio do olhar feminino de Florbela Espanca — tudo tecido na linguagem da canção brasileira.

Durante a canção, por meio dos versos de Florbela Espanca, a donzela reflete sobre sua própria vida enquanto percebe a aproximação da morte, evocada no texto de Matthias Claudius, a quem pede que “vá embora”. Ao final da narrativa, ela se entrega, permitindo que a morte a acolha — não como inimiga, mas como consoladora.

O poema representa uma das mais conhecidas expressões do motivo artístico da “Morte e a Donzela”, tema recorrente na arte ocidental que simboliza o confronto entre o medo da morte e a beleza efêmera da juventude. Ele foi usado como texto para uma canção de Franz Schubert [1797-1828] composta em 1817. Posteriormente, em 1824, o compositor escreveu o *Quarteto de cordas n.º 14* em ré menor, também conhecido como “A Morte e a Donzela”. O quarteto é nomeado pelo tema do seu segundo movimento, “Andante con moto”, o qual Schubert retomou do *lied* composto em 1817. É uma das obras-primas do período mais maduro de Schubert, em que o compositor estava consciente de sua morte iminente decorrente da sífilis já em estado avançado.

Juliana Ripke

COMPOSITORA, PIANISTA E ARRANJADORA, É DOUTORA EM MUSICOLOGIA PELA USP. JÁ ATUOU EM GRUPOS COMO O CORAL JOVEM DO ESTADO E O CORO ACADÊMICO DA OSESP, ALÉM DE TER LECIONADO NO INSTITUTO BACCARELLI E NA EMESP TOM JOBIM.



*A morte e a
Donzela, por
Hans Baldung
[c.1484-1545].*

FRANZ SCHUBERT

VIENA, ÁUSTRIA, 1797 - 1828

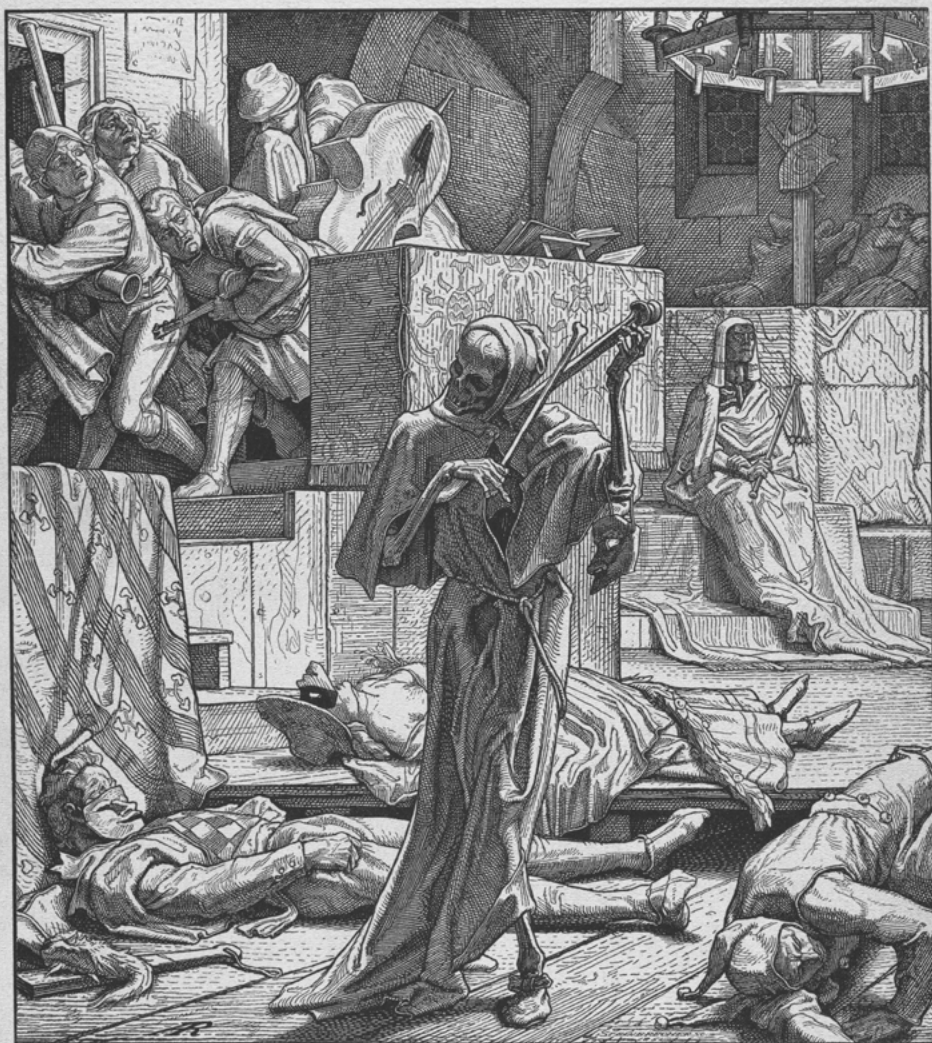
Quarteto n.º 14 em ré menor —

“A Morte e a Donzela”, D. 810 [1824]

A morte sempre exerceu fascínio sobre os artistas e, no século XIX, tornou-se um tema recorrente, tanto na literatura e nas artes visuais quanto na música. A sensibilidade romântica, marcada por forte introspecção, pela valorização das emoções extremas e pelo culto ao destino individual, viu na morte não apenas o fim da vida, mas um território simbólico fértil para a expressão da angústia, do mistério e até da beleza. No universo musical, esse interesse se manifestou em óperas, *Lieder* e obras instrumentais que exploravam o imaginário do *memento mori* e da “dança macabra”. A figura da morte aparecia ora como inimiga implacável, ora como consoladora, libertadora do sofrimento terreno — uma ambivalência que perpassa boa parte da produção artística do período e que encontra expressão particularmente intensa na obra de Franz Schubert.

Composto em 1824, o *Quarteto n.º 14 em ré menor*, D. 810, conhecido como “A Morte e a Donzela”, ocupa lugar central na produção camerística de Schubert e é considerado um dos pontos culminantes de toda a literatura para quarteto de cordas. Essa tonalidade — a mesma da canção *Gretchen am Spinnrade* [Margarida à roca] e da *Sinfonia “inacabada”* — era especialmente significativa para Schubert. Para os românticos, era considerada a tonalidade da melancolia e do destino. A obra surge num momento sombrio da vida do compositor: dois anos antes, havia recebido o diagnóstico de sífilis, doença então incurável, e atravessava um período de fragilidade física e depressão. Embora com apenas 27 anos, Schubert já demonstrava consciência aguda da proximidade da morte — sentimento que impregna cada página dessa partitura.

O apelido vem do segundo movimento, construído sobre variações de um *Lied* homônimo que Schubert compôs em 1817, a partir de poema de Matthias Claudius. No texto, a Donzela suplica à Morte que a poupe, mas esta, impassível, oferece descanso e paz. Ao transformar a melodia da canção em tema instrumental, Schubert amplia seu alcance dramático e insere a cena íntima do *Lied* em um contexto de tensão e resolução que percorre todos os movimentos do quarteto. Cada variação do segundo movimento representa uma resposta diferente da Donzela à Morte — desde a resistência angustiada até a aceitação final.



AUS DEN VORZUGSDRUCKEN, HERAUSGEGEBEN VOM KUNSTWART.

ALFRED RETHEL, DER TOD ALS WÜRGER.

Dança da Morte, por Alfred Rethel [1816-1859].

Não há indícios de que a obra tenha sido encomendada ou dedicada a um patrono específico; é provável que tenha sido pensada para o círculo de amigos músicos de Schubert, no ambiente das Schubertiaden [Schubertiades] — encontros privados nos quais o compositor apresentava suas criações. Entretanto, a escrita densa, a complexidade estrutural e a carga expressiva da peça a situam muito além do simples divertimento doméstico, aproximando-a das grandes construções camerísticas de Beethoven.

O “Allegro” inicial é tempestuoso, alternando passagens de violência quase orquestral com episódios de delicadeza lírica. O “Andante con moto” apresenta o tema do *Lied* exposto em uníssono pelas cordas, seguido por cinco variações que alternam luz e sombra, serenidade e inquietação. O “Scherzo” retoma a energia impetuosa, contrastando com um trio central mais suave. O “Presto” final, em ritmo de tarantela, evoca uma vertiginosa “dança da morte” que conduz a obra a um desfecho abrupto e impactante.

Embora não haja registros de sua estreia pública ainda em vida de Schubert, o quarteto foi publicado postumamente e, ao longo do século XIX, ganhou espaço entre os intérpretes e críticos, que reconheceram nele uma das expressões mais puras do espírito romântico. Hoje, “A Morte e a Donzela” é presença constante no repertório internacional, admirado tanto pela sua força dramática quanto pela perfeição formal, e continua a comover o público com seu retrato pungente da condição humana diante do inevitável.

Laura Rónai



Regiane Martinez SOPRANO

Membro do Coro da Osesp desde 2001, também integrou conjuntos vocais nos EUA, como Essential Voices of USA, St. Ignatius of Loyola Choir, New York Continuo Collective e Manhattan Chorale. É professora da NYSTA (New York Singing Teachers' Association) e da Academia de Música da Osesp.

Patrícia Nacle CONTRALTO

Atuou junto ao Coro da Sociedade Pró-Música Sacra de São Paulo, à Cia. Canto Vivo, de Jundiaí, ao Corenvoz, ao Madrigal Prana e ao Américantiga. Participou do Festival Internacional de Música Colonial Brasileira e do Festival de Música Antiga de Juiz Fora. Integra o Coro da Osesp desde 2002.

Fabio Vianna Peres TENOR E CORDAS DEDILHADAS ANTIGAS

Tem atuado em grupos especializados em música antiga, como o Anonimus, o Audi Coelum, o Conjunto de Música Antiga da UFF, o Armonico Tributo, o Americantiga e o Capela Ultramarina, do qual é diretor artístico. Assistente de direção artística da Orquestra Municipal de Jundiaí, é tenor do Coro da Osesp desde 2000.



Leandro Dias VIOLINO

Tendo integrado a primeira turma da Academia de Música da Osesp, foi membro da Orquestra Jovem do Estado de São Paulo, da Orquestra Experimental de Repertório, da Sinfônica de Santo André e da Filarmônica de São Caetano do Sul. Apresentou-se com a Sinfônica de Ribeirão Preto e a Orquestra Antunes Câmara. É membro da Osesp desde 2008.

Anderson Farinelli VIOLINO

Foi *spalla* da Orquestra de Câmara da ECA-USP, chefe de naipe dos segundos violinos da Sinfônica de Ribeirão Preto, da Orquestra Experimental de Repertório e da Sinfônica de Santo André. Formou-se em 2006 como bacharel em violino pela Universidade de São Paulo (USP). Desde 2015, é músico da Osesp.

André Rodrigues VIOLA

Na Osesp desde 2022, foi membro da Orquestra Sinfônica Brasileira, da Orquestra de Câmara da ECA-USP, da Sinfônica de Santo André e da Filarmônica Carlos Gomes. Participou do Festival Internacional de Música Colonial Brasileira de Juiz Fora e do Festival de Música de Prados. Venceu, em 2005, o Concurso Jovens Solistas da Orquestra Jovem de Guarulhos.

Marialbi Trisolio VIOLONCELO

Membro da Osesp desde 1994, é uma das fundadoras do Art String Quartet. Participou também do Trio Buosi, do Quarteto Portinari e do Quinteto D'Elas, recebendo o Prêmio Carlos Gomes de Ópera e Música Erudita de 1998. Realizou turnês na Europa com esses grupos de câmara, além de ter participado do Festival de Inverno de Campos do Jordão.

Governo do Estado de São Paulo

GOVERNADOR

Tarcísio de Freitas

VICE-GOVERNADOR

Felício Ramuth

Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas

SECRETÁRIA DE ESTADO

Marília Marton

SECRETÁRIO EXECUTIVO

Marcelo Henrique Assis

SUBSECRETÁRIO

Daniel Scheiblich Rodrigues

CHEFE DE GABINETE

Vicenzo Carone

DIRETORA DE DIFUSÃO, FORMAÇÃO E LEITURA

Jenipher Queiroz de Souza

DIRETORA DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL

Mariana de Souza Rolim

DIRETORA DE FOMENTO À CULTURA, ECONOMIA E

INDÚSTRIA CRIATIVAS

Liana Crocco

CHEFE DE ASSESSORIA DE MONITORAMENTO E

GOVERNANÇA DE DADOS CULTURAIS

Marina Sequetto Pereira

Fundação Osesp

PRESIDENTE DE HONRA

Fernando Henrique Cardoso

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Pedro Pullen Parente PRESIDENTE

Stefano Bridelli VICE-PRESIDENTE

Ana Carla Abrão Costa

Célia Kochen Parnes

Luiz Lara

Marcelo Kayath

Mario Engler Pinto Junior

Mônica Waldvogel

Ney Vasconcelos

Tatyana Vasconcelos

Araújo de Freitas

COMISSÃO DE NOMEAÇÃO

Fernando Henrique Cardoso PRESIDENTE

Celso Lafer

Fábio Colletti Barbosa

Horacio Lafer Piva

Pedro Moreira Salles

DIRETOR EXECUTIVO

Marcelo Lopes

SUPERINTENDENTE GERAL

Fausto A. Marcucci Arruda

SUPERINTENDENTE DE

COMUNICAÇÃO E MARKETING

Mariana Stanisci

CONHEÇA TODA A EQUIPE EM:

FUNDACAO-OSESP.ART.BR/FOSESP/PT/SOBRE

| o | s | e | s | p |

Aqui a música toca.

Adriana Holtz
Violoncelista

Mayara Constantino
Admiradora da Osesp



Estação Motiva Cultural

Um novo espaço para a arte em São Paulo

Inaugurada em 25 de janeiro de 2025, a Estação Motiva Cultural, localizada no Complexo Cultural Júlio Prestes, é um novo espaço que amplia a oferta cultural no centro histórico da cidade de São Paulo.

Gerida pela Fundação Osesp em parceria com o Governo do Estado de São Paulo, por meio da Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas, e com patrocínio institucional do Grupo Motiva, via Lei Federal de Incentivo à Cultura, a estação foi transformada em sala de espetáculos mantendo sua identidade histórica.

O projeto arquitetônico preserva a essência do prédio ferroviário e incorpora estruturas móveis para maior flexibilidade. O espaço receberá música, teatro, dança e eventos educativos, conectando história e modernidade para o público paulistano.



Confira a programação completa
da Estação Motiva Cultural

Próximos concertos

Estação Motiva Cultural

9 DE NOVENBRO

Coro da Osesp

Thomas Blunt REGENTE

Maíra Ferreira REGENTE

*Obras de Thomas Tallis, Cecilia
McDowall, Dobrinka Tabakova e
Frank Martin.*

Estação Motiva Cultural

16 DE NOVENBRO

Jean-Frédéric Neuburger PIANO

*Obras de Franz Schubert, Claude
Debussy, Maurice Ravel e Franz Liszt.*

Acesso à Sala

Estacionamento

Funcionamento diário, das 6h às 22h ou até o fim do evento. O bilhete é retirado na entrada e o pagamento deve ser efetuado em um dos dois caixas – no 1º subsolo ou no Hall Principal.

Acesso Estação Luz

Use a passagem direta que liga o estacionamento da Sala com a Plataforma 1 da CPTM, dentro da Estação Luz. Ela está aberta todos os dias, das 6h às 23h30. Garanta o seu bilhete previamente nos guichês da Estação ou pelo celular, usando o TOP – Aplicativo de Mobilidade, disponível na App Store e no Google Play.



Confira todos os horários de funcionamento e outros detalhes em:
www.salasaopaulo.art.br/servicos

Algumas dicas

Gravações

Antes de a música começar e nos aplausos, fique à vontade para filmar e fotografar, mas registros não são permitidos durante a performance.

Entrada e saída da

Estação Motiva Cultural

Após o terceiro sinal, as portas da sala de concerto são fechadas. Quando for permitido entrar após o início do concerto, siga as instruções dos indicadores e ocupe rápida e silenciosamente o primeiro lugar vago.

Silêncio

Uma das matérias-primas da música de concerto é o silêncio. Desligue seu celular ou coloque-o no modo avião; deixe para fazer comentários no intervalo entre as obras ou ao fim.

Comidas e bebidas

O consumo não é permitido no interior da Estação Motiva Cultural. Conheça nossa área destinada a isso.

Aplausos

Como há livros que trazem capítulos ou séries fracionadas em episódios, algumas obras são divididas em movimentos. Nesses casos, o ideal é aguardar os aplausos para o fim da execução. Se ficou na dúvida, espere pelos outros.

WWW.OSESP.ART.BR

 @OESP_

 /OESP

 /VIDEOSOESP

 /@OESP

ESCUTE A OESP

 SPOTIFY

 APPLE MUSIC

 DEEZER

 AMAZON MUSIC

 IDAGIO

WWW.SALASAOPAULO.ART.BR

 @SALASAOPAULO_

 /SALASAOPAULO

 /SALASAOPAULODIGITAL

 /@SALASAOPAULO

ESCUTE AS PLAYLISTS DA SALA

 APPLE MUSIC

WWW.FUNDACAO-OESP.ART.BR

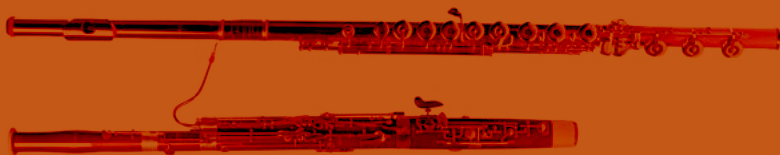
P.5 MÚSICOS TOCAM VIOLA DE ARCO E VIOLA DE MÃO (VIHUELA), SÉCULO XIII, DE AUTORIA DESCONHECIDA. DOMÍNIO PÚBLICO

P.8 A MORTE E A DONZELA, POR HANS BALDUNG [C.1484-1545]. DOMÍNIO PÚBLICO

P.10 DANÇA DA MORTE, POR ALFRED RETHEL [1816-1859]. DOMÍNIO PÚBLICO

P.12 REGIANE MARTINEZ, PATRÍCIA NACLE E FABIO VIANNA PERES. ©FABIO AUDI

P.16 LEANDRO DIAS, ANDERSON FARINELLI, ANDRÉ RODRIGUES E MARIALBI TRISOLIO. ©FABIO AUDI



Todos os instrumentos
contam diversas histórias.
Inclusive as suas.

o

s

e

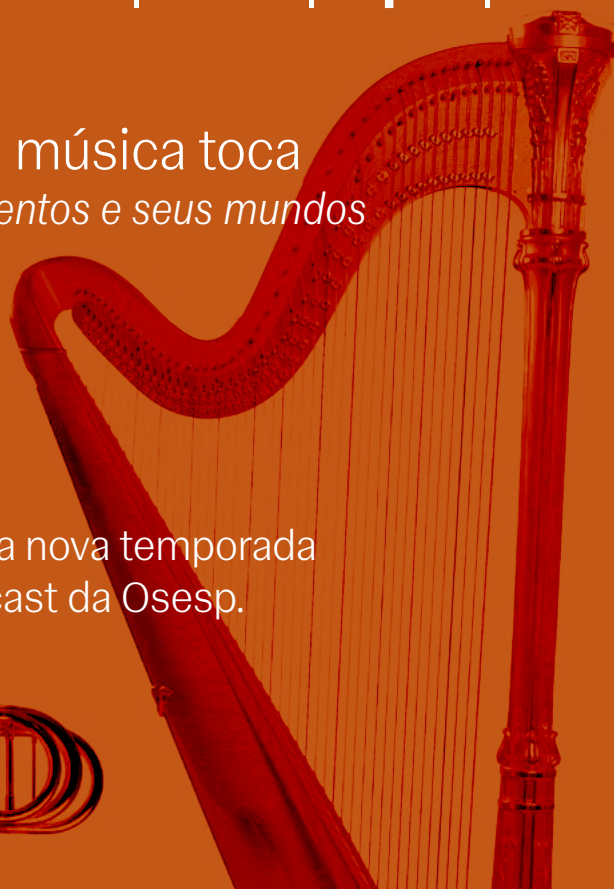
s

p

Aqui a música toca
Instrumentos e seus mundos



Confira a nova temporada
do podcast da Osesp.



Na identidade visual da Osesp, cada cor da paleta leva o nome de um sentimento. Nesta capa, usamos Nostalgia, inspirada pela sensibilidade lírica e introspectiva de *Um cançãoeiro musical*, de Luís de Camões.



**Lei de
Incentivo
a Cultura**
Lei Rouanet



**Orquestra
Sinfônica do Estado
de São Paulo**



**Estação
Motiva
Cultural**

REALIZAÇÃO



MINISTÉRIO DA
CULTURA

